

## **A teoria humanista de Rogers**

**Iara Maria Mora Longhini**

Profa. Dra. Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Minas Gerais

**Jaime Pacheco da Silva Filho**

Graduando Lic. Ciências Biológicas Universidade Federal de Uberlândia (UFU) –  
Minas Gerais

### **RESUMO**

O ser humano coloca-se na busca constante por explicação para questões que causam inquietude à sua mente, desde os primórdios. Inobstante muitas respostas produzidas que formam a base do conhecimento difundido na civilização atual, novos questionamentos surgem, em consonância com o desenvolvimento da humanidade. O principal método de construção do ser humano encontra amparo na educação, através de um processo progressivo de ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento da humanidade, Ensino-aprendizagem, Teoria de Carl Ransom Rogers.

### **1 INTRODUÇÃO**

O ser humano coloca-se na busca constante por explicação para questões que causam inquietude à sua mente, desde os primórdios. Inobstante muitas respostas produzidas que formam a base do conhecimento difundido na civilização atual, novos questionamentos surgem, em consonância com o desenvolvimento da humanidade. O principal método de construção do ser humano encontra amparo na educação, através de um processo progressivo de ensino e aprendizagem. Nunes e Silveira (2015, p. 24), “[...] trazem uma concepção de ser humano como dotado de uma capacidade de crescimento constante, de atualização permanente de suas potencialidades”. A respeito do processo de construção e inacabamento dos seres humanos é importante destacar que:

Todos os seres humanos possuem uma tendência ao desenvolvimento cada vez mais complexo para uma realização construtiva, independentemente do meio ambiente em que se inserem. Para o autor, a estrutura psicológica do ser humano e a constituição de si mesmo decorre da relação e inter-relação que se cria entre as pessoas desde o início da vida. (Rogers, 1983, p. 133 *apud* Oliveira *et al.*, 2021).

As teses formuladas que se propõem a fornecer respostas, invariavelmente, encontram opositores, assim são originados os conflitos resultantes da produção do conhecimento. Nesse campo de tensões reside o questionamento de como ocorre a aprendizagem de forma intrínseca. Muitos pesquisadores se debruçaram sobre essa questão na tentativa de oferecer uma resposta como alicerce, suficientemente robusto, que pudesse pacificar o ambiente conflituoso estabelecido.



Creio que pouquíssimas pessoas estão conscientes da extensão, da amplitude e da profundidade dos avanços que têm sido feitos nas últimas décadas nas ciências comportamentais. Menos ainda parecem estar conscientes dos profundos problemas sociais, educacionais, políticos, econômicos, éticos e filosóficos colocados por esses avanços (Rogers, 1987, p. 423 *apud* Oliveira *et. al.*, 2023).

Nos tempos hodiernos, mesmo com a formulação de teorias, em grande parte consensuais, que forneceram respostas almejadas, tensões no campo da educação ainda persistem por questões diversas, sobretudo referente às teorias da aprendizagem. Provavelmente a resposta se encontre no excerto abaixo.

No mais das vezes, teorias de aprendizagem são apresentadas sem adequado desenvolvimento de correlatos históricos, filosóficos psicológicos e educacionais, o que pode roubar-lhes enriquecimento potencial de compreensão, e significação. Apesar da incerteza ou confusão entre estudantes e educadores quanto à significação de teoria de aprendizagem, pode-se concordar quanto a uma declaração: *Ensino é uma atividade que emerge de alguma concepção sobre como ocorre a aprendizagem.* (Milhollam; Forisha, 1972, p. 10).

A escola é reconhecida, dentre outros existentes, como principal local de difusão do conhecimento e educação da população em geral. Desde a tenra idade, as crianças são encaminhadas para instituições de ensino com o objetivo de serem submetidas a um longo processo de ensino-aprendizagem. Na busca por melhor entender as questões que permeiam esse processo, é imperioso focalizar nas teorias orientadoras da aprendizagem. Nesse sentido, não é pretensão abordar várias teorias, apenas destacar a teoria revolucionária defendida por Carl Ransom Rogers. Mesmo ciente que esta abordagem esteja carregada de intencionalidade e, portanto, de alguma forma, explícita ou implicitamente, seja tendenciosa. O que se pretende é destacar os pressupostos da educação defendidos por Rogers, processo que introduz mudanças paradigmáticas no fazer docente, especialmente no enfoque conferido ao estudante.

Uma pessoa instruída é capaz de se adaptar às mudanças que ocorrem durante a sua vida (a aprendizagem é contínua). A vida é um processo de mudança – tudo ao seu redor é questionável e tudo se mistura. Por isso, não existe aquele que sabe e aquele que ensina, todos sabem alguma coisa e todos aprendem alguma coisa com alguém. É nesse contexto que Rogers vai expor a sua teoria. (Azevedo, 2023).

A principal questão da educação não se fundamenta em esboçar um modelo natural de homem no tempo presente que virá a ser histórico. Essa questão, ao longo do tempo, foi objeto de debate de diversos pensadores, filósofos e pesquisadores. Sobre o assunto convém destacar:

É perigoso mostrar ao homem com excessiva frequência, que ele é igual às bestas, sem mostrar-lhe a sua grandeza. É também perigoso mostrar-lhe com excessiva frequência sua grandeza sem sua baixeza. É ainda mais perigoso deixá-lo ignorante de ambas. Mas, é muito desejável mostrar-lhe as duas juntas. (Milhollam; Forisha, 1972, p. 128).

Conforme Capelo, Albert Einstein contestava a educação ofertada aos jovens e destacava que um dos principais pressupostos da educação seria de aguçar a curiosidade dos estudantes. Que uma vez instalada



conduziria à busca do aprendizado constante e em parceria com a liberdade constituem os principais pilares da aprendizagem.

Em verdade, é pouco menos que um milagre que os métodos modernos de educação não tenham ainda estrangulado inteiramente a sagrada curiosidade da inquirição, pois esta delicada planta, além de estímulo, necessita principalmente de liberdade; sem esta, ela é inevitavelmente levada à destruição e à ruína. (Capelo, 2023, p. 1).

É importante destacar que o homem evolui, portanto se encontra em um processo de transformação constante. Quando isso ocorre, opera-se o processo de mudança interna, de consequências externas, decorrente da aquisição de conhecimento novo. A pretensão é conferir enfoque à teoria de um pensador eminentemente psicólogo, Carl Ransom Rogers, que se interessou pela educação e a aprendizagem, sem a pretensão de esgotar o assunto.

Sinto pouca simpatia pela ideia bastante generalizada de que o homem é fundamentalmente irracional e que seus impulsos, quando não controlados, levam a destruição de si e dos outros. O comportamento humano é extremamente racional... A tragédia para muitos de nós deriva do fato de as nossas defesas nos impedirem de surpreender essa racionalidade, de modo que estamos conscientemente a caminhar em uma direção, quando organicamente seguimos outra. (Rogers, 1969 *apud* Pinto, 2001).

## 2 OBJETIVO

A educação brasileira, ao longo do tempo histórico, passa por profundas transformações, seja no aspecto estrutural das escolas, composicional dos estudantes ou de perfil profissiográfico do seu corpo docente. É inegável que há uma crise instalada na educação nacional, tomando-se como alicerce os dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) e níveis de proficiência alcançados no Programa Nacional de Avaliação de Estudante (PISA). Porquanto, nota-se que é necessário operar uma verdadeira revolução na educação nacional para que ocorra uma mudança drástica nesse cenário de crise. As mudanças propostas, não dizem respeito apenas ao campo estrutural e material, sobretudo na abordagem teórica que rege o processo ensino-aprendizagem e provoque mudanças atitudinais de professores e estudantes.

Portanto, o objetivo é, através de uma sucinta revisão bibliográfica, promover a apresentação dos principais fundamentos da teoria humanista cunhada por Carl Ransom Rogers. Aludida teoria, impõe mudanças paradigmáticas no fazer docente, retira a centralidade do conhecimento da figura do professor. Transfere a responsabilidade pelo aprendizado, de forma compartilhada, para o estudantes e professores que formariam uma parceria na busca da aprendizagem significativa – principal objetivo da teoria humanista. Além das mudanças nas relações assimétricas presentes no ambiente escolar, coloca os recursos didático-pedagógicos à disposição do estudante, não como uma imposição do professor, escola ou sistema de ensino, que decide como e quando utilizá-los.



### 3 DESENVOLVIMENTO

As ideias de Rogers se contrapõem à educação verticalizada, vista de cima para baixo, que tem a atenção centrada no professor por considerá-lo a fonte e o principal difusor do conhecimento. Enquanto o estudante constituía-se em um receptor passivo, essas premissas compunham a teoria educacional tradicional, conforme mencionado abaixo.

Nessa perspectiva educacional, a relação entre o docente e o aluno é caracterizada pela verticalização, marcada por um lado pelo comando, exigências e diretrizes estabelecidas pelo mestre, que detém o poder decisório, principalmente quanto a forma de interação na aula, a metodologia, ao conteúdo, a avaliação, e por outro lado, pelo estudante obediente, passivo, subserviente que acata, segue e obedece ao determinado pelo professor. (Oliveira et. al., 2021, p. 141).

Os preceitos cunhados pela teoria humanista asseveram que, a aprendizagem deve ser centrada no estudante e o professor se comportaria como um assistente – facilitador do conhecimento. O estudante considerado educado seria aquele que aprendeu a se adaptar aos processos de mudanças presentes no mundo que o circunda, em constante mudança. A proposta apresenta-se como inovadora para o processo educativo.

[...] encontramos-nos em face de situação educacional inteiramente nova, cujo objetivo é a facilitação da mudança e da aprendizagem. Educado é tão-somente, a pessoa que aprendeu como aprender, a pessoa que aprendeu como se adaptar e mudar, a pessoa que se deu conta de que nenhum conhecimento é seguro, que somente o processo de procurar o saber fornece embasamento sólido. Mudança, confiança num processo, de preferência a um conhecimento estático, é a única atitude a ter sentido como alvo para a educação no mundo de hoje (Rogers, 1969, p. 104).

Assim, as teorizações de Rogers surgiram no momento em que imperava na comunidade educacional a tecnicidade do ensino, disseminada pela corrente behaviorista. Havia uma diversidade de procedimentos metodológicos à disposição do professor para que fosse possível ensinar ao aluno, que de forma passiva recepcionaria o conhecimento e internalizaria aquilo que era ensinado. Porém, o processo de ensino-aprendizagem não ocorre assim, de forma tão simplória.

Tem-se de encontrar uma maneira de desenvolver, dentro do sistema educacional como um todo, e em cada componente, um clima conducente ao crescimento pessoal; um clima no qual a inovação não seja assustadora, em que as capacidades criadoras de administradores, professores e estudantes sejam nutridas e expressadas, ao invés de abafadas. Tem-se de encontrar, no sistema, uma maneira na qual a focalização não incida sobre o ensino, mas sobre a facilitação da aprendizagem autodirigida. (Rogers, 1986, *apud* Capelo, 2000).

Outros e diversos são os fatores e condições que permeiam e interferem no processo que se desenvolve no âmago do estudante-aprendiz, reconhecidas como condições afetivas, sociais e psicossociais. Para Oliveira e colaboradores (2021) são reconhecidas no trabalho de Rogers como as atitudes, os sentimentos, afetividade e a criatividade do ser humano. Desta forma, o professor possui uma missão de maior amplitude e importância: preparar o estudante para a vida.



O processo formativo é centrado no educando com ênfase no seu desenvolvimento pleno, ou seja, um processo educativo que não dá importância somente para o desenvolvimento intelectual, mas também se dedica a uma formação para as relações sociais, para a convivência, para o desenvolvimento emocional e outras questões que possibilite o crescimento integral do ser humano. (Oliveira *et. al.*, 2021, p. 140).

Os meios são importantes ferramentas, eles devem estar à disposição do ensino. Porém, na teoria humanista, a utilização dos recursos não é colocada como uma imposição ao estudante, ele decidirá qual (is) utilizar e a melhor forma de utilizá-lo (s), essas constituem-se marcantes diferenças das teorias reinantes na educação.

[...] sejam quais forem os recursos de ensino que forneça – um livro, uma sala de trabalho, um novo aparelho, uma oportunidade para observar um processo industrial [...] suas próprias reações emocionais – ele sentiria que essas coisas são oferecidas para serem usadas se forem úteis ao aluno [...] não pretende que elas sejam guias, expectativas, comandos, imposições de exigências (Rogers, 1983, p. 333).

Destaca-se que, o professor figuraria como mediador e facilitador de acesso ao conhecimento, através da criação de situações-problema. Santos (2005), assim define o papel do professor: “[...] deve ser um “facilitador da aprendizagem”, ou seja, deve fornecer condições para que os alunos aprendam, podendo ser treinado para tomar atitudes favoráveis condizentes com essa função”. O distanciamento entre o professor e o estudante é criticado pela teoria humanista que, segundo fundamentação, deveria obedecer a horizontalidade. Faltaria ao professor autenticidade, as relações que se estabelecem tornam-se assimétricas e o papel desempenhado pelo professor passa a ser teatral e impositivo.

A primeira qualidade refere-se à Autenticidade do facilitador, que Rogers considerou como a mais básica e que designa como a capacidade de o facilitador ser real, sem máscara nem fachada na relação com o aluno (Rogers, 1986: 128). Desta forma, o autor critica o ensino tradicional na medida em que o professor é um ator, representando um papel e não pessoa autêntica (Idem: 128). A proposta de Rogers traduz-se numa relação de pessoa para pessoa e não de um papel de professor para um papel de aluno. (Capelo, 2021).

Na perspectiva de Rogers, o estudante é o protagonista do aprendizado significativo. Não apenas no aspecto cognitivo, mas na sua totalidade. O estudante é visto e tratado como uma unidade indissociável nos aspectos cognitivo e afetivo. Conforme Rogers (1978), a iniciativa por aprender parte do aluno, ou seja, ela é auto iniciada, mesmo que o estímulo para a iniciação seja originário do mundo exterior. Para que a aprendizagem ocorra e seja significativa, torna-se imprescindível que o envolvimento ocorra não apenas a nível físico, mas cognitivo e afetivo.

[...] Tem ela a qualidade de um envolvimento pessoal - a pessoa, como um todo, tanto sob o aspecto sensível quanto sob o aspecto cognitivo, inclui-se no fato da aprendizagem. Ela é auto-iniciada. Mesmo quando o primeiro impulso ou o estímulo vêm de fora, o senso da descoberta, do alcançar, do captar e do compreender vem de dentro. É penetrante. Suscita modificação no comportamento, nas atitudes, talvez mesmo na personalidade do educando (Rogers, 1978, p. 05).



O estudante passa a ser considerado em sua unicidade, nas dimensões que agregam sentimentos e intelecto. Portanto, é preciso adotar medidas “no sentido de envolver, em sua completude, sentimentos (afetividade) e intelecto, de modo que o aluno passa a se apropriar diretamente do que está aprendendo.” (Oliveira *et. al.*, 2021) para que desta forma a aprendizagem experiencial ocorra. Se, de outra forma ocorrer e o estudante não se sentir valorizado, prestigiado e estimulado no ambiente escolar o fracasso é destino certo. Conforme texto para discussão de número 1300, do Ipea, intitulado A repetência no contexto internacional: o que dizem os dados de avaliações das quais o Brasil não participa?, enfoca que a estratégia de reprovação não é capaz de aumentar o índice de proficiência dos estudantes que repetem o ano. No entanto, mostra-se eficiente em promover afastamento do estudante da escola.

Há uma vasta literatura mostrando que expectativas, competência percebida e autoestima são fatores fundamentais no processo educacional. Convença um menino de que ele é incapaz, e ele o será. Convença-o de que a matemática ou a leitura estão além do seu alcance, e estarão. Reprove-o, sinalizando que sua única alternativa é a escolha entre trabalho braçal e diversos tipos de marginalidade, e ele, principalmente se é pobre e vive cercado de pessoas cujas vidas foram definidas dessa forma, acreditará. Obrigar um aluno, após um ano inteiro se esforçando para aprender algo em uma escola com professores desmotivados e mal pagos, a voltar à mesma série na mesma escola, é conferir-lhe um atestado de incompetência. Este atestado é ainda mais dramático porque este mesmo aluno vê a maior parte de seus colegas, em geral menos pobres e mais brancos, progredirem. Quando se pensa assim, os coeficientes apresentados neste trabalho não são um mistério. O mistério é a rejeição continuada no nosso país a uma política tão acertada quanto a progressão continuada (Soares, 2007, p. 15).

Com a atenção focada no estudante, o processo de aprendizagem ganha relevância no sentido de oferecer as condições favoráveis através de situações-problema que o envolvam em desafios colocados no seu percurso construtivo, tarefa incumbida ao professor. No entanto, professor e aluno caminham juntos, um aprendendo com o outro. Podemos vislumbrar as premissas do protagonismo do estudante, seu envolvimento, a tomada de iniciativa na busca do saber nas seguintes afirmações.

[...] a única aprendizagem que influi significativamente sobre o comportamento é a que for auto-dirigida e auto-apropriada. [...] Tal aprendizagem auto-descoberta, a verdade pessoalmente apropriada e assimilada no curso de uma experiência, não podem ser diretamente comunicadas ao outro. Tão logo alguém tenta comunicar essa experiência, diretamente, não raro com natural entusiasmo, ela se transforma em ensino, e os seus resultados são inconsequentes (Rogers, 1978, p. 151).

Na perspectiva humanista da educação, profundas e radicais mudanças são sugeridas, uma delas reside na própria escola. Dessa forma, além de exigir a formação de um professor que reúna características de facilitador, conforme abordado, o ambiente deve ser acolhedor ao estudante e condizente com os pressupostos que se deseja atingir.

Na concepção Humanista baseada nos pressupostos de Rogers (1978), para que ocorra uma aprendizagem significativa, o ambiente educacional precisa ser estimulante e agradável, possibilitando ao estudante o envolvimento pelo objeto de estudo de maneira espontânea,



proporcionando um clima favorável onde o estudante e o professor se sintam livres para novas descobertas, para a promoção do diálogo e do acesso ao conhecimento. (Oliveira *et. al.*, 2021, p. 140).

É importante destacar que a concepção humanista apregoa mudanças em todos os níveis do ensino, para que ocorra a evolução do pensamento e do saber. Desta forma, o estudante passa a ter postura ativa, de intervenção na funcionalidade da escola. Esse aspecto não implica que professores e gestores abdicuem das responsabilidades que lhes são inerentes, mas que permitam aos estudantes a participação na elaboração e construção do processo do ensino-aprendizagem, no qual figuram como destino principal e que são corresponsáveis.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através do presente texto buscou-se abordar, de forma resumida e breve, as principais premissas educacionais que orbitam a teoria humanista da educação defendida por Rogers. Teorizações que possuem origem nos aconselhamentos psicoterápicos da abordagem centrada na pessoa e que, posteriormente, ganharam o campo da educação. Mais que destacar sua fundamentação teórica, buscou-se enfatizar as mudanças paradigmáticas advindas da sua proposição.

Aludida teoria sugere profundas mudanças na educação. Porém, essas mudanças não dizem respeito às estruturas físicas ou de conteúdo, mas precipuamente na forma de educar. Sobretudo, as mudanças figuram nas searas atitudinais dos seus principais atores: estudantes e professores. Traz como proposta a figura do estudante protagonista do seu próprio aprendizado. Isso não quer dizer que o professor seria dispensável nesse processo, muito pelo contrário, professor e estudante caminhariam juntos para atingir a aprendizagem significativa.

Enquanto o estudante assume o protagonismo do aprendizado, o professor coloca-se ao seu lado para criar situações-problemas que instigue e estimule o pensamento crítico. A centralidade do ensino não reside mais na figura do professor, essa é desviada para o estudante que passa a ser corresponsável pelo processo de aprendizagem. Assim, o professor além de se colocar sem máscara (reconhece que não sabe de tudo e que não é a fonte do saber) perante o aluno, torna-se o seu parceiro na caminhada em busca do conhecimento.

Para além das profundas mudanças nas relações assimétricas professor-estudante que passariam da verticalidade para a horizontalidade, os recursos didáticos seriam colocados à disposição do estudante que decidiria quais e quando utilizá-los. A aposta é que o protagonismo do estudante estimule o aprendizado, que o aluno encontre sentido naquilo que está estudando e o conteúdo se torne significativo. E, encontrando sentido naquilo que está estudando, seu envolvimento no processo de ensino-aprendizagem se daria por completo, nos níveis cognitivo e afetivo. A organicidade do aprendizado orbitaria na autonomia conferida ao estudante e a função da escola estaria calcada na preparação para a vida.



## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Elisa de Melo Kerr. Concepção de Carl Rogers sobre aprendizagem. São Paulo, SP. Disponível em: <<https://elisakerr.wordpress.com/concepcao-de-aprendizagem-de-carl-rogers/>>. Acesso em: 10 jan 2024.

CAPELO, Fernanda de Mendonça. Aprendizagem Centrada na Pessoa: Contribuição para compreensão do modelo educativo proposto por Carl Rogers. Revista de Estudos Rogerianos, São Paulo, v. 05, 2000. Disponível em: <https://encontroacp.com.br/textos/aprendizagem-centrada-na-pessoa-contribuicao-para-a-compreensao-do-modelo-educativo-proposto-por-carl-rogers/>. Acesso em: 12 jan 2024.

INSTITUTO UNIBANCO. Ensino Médio: como aumentar a atratividade e evitar a evasão? São Paulo: Universidade de São Paulo, [2011?]. Disponível em: [https://www.institutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2013/07/ensino\\_medio-como\\_aumentar\\_a\\_atratividade\\_e\\_evitar\\_a\\_evasao.pdf](https://www.institutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2013/07/ensino_medio-como_aumentar_a_atratividade_e_evitar_a_evasao.pdf). Acesso em: 06 jan. 2024.

MILHOLLAN, Frank; FORISHA, Bill E. Skinner x Rogers: maneiras contrastantes de encarar a educação. 5. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

NUNES, A. I. B. L.; SILVEIRA, R. N. Psicologia da aprendizagem. Fortaleza: EdUECE, 2015.

OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Anderson Oramisio; CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Camila Rezende de. As ideias de Rogers e o processo de ensino-aprendizagem da matemática. Cadernos da Fucamp, São Paulo, v. 20, p. 131-150, 2021.

PINTO, Marcos Alberto da Silva. Carl Rogers: a abordagem centrada na pessoa. São Paulo, SP, 2001. Disponível em: <https://encontroacp.com.br/rogers/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

ROGERS, Carl Ransom. Liberdade para aprender. Belo Horizonte, MG: Interlivros, 1978.

ROGERS, Carl Ransom. Um jeito de ser. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1983.

SANTOS, Roberto Vatan dos. Abordagens do processo de ensino e aprendizagem. Integração, São Paulo, ano XI, n. 40, p. 19-31, jan./mar, 2005.

SOARES, Sergei Suarez Dillon. A repetência no contexto internacional: o que dizem os dados de avaliações das quais o Brasil não participa? Texto para Discussão, Brasília, DF, n.1300, ago. 2007. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/1392>. Acesso em: 15 dez. 2023.